Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Programa de pós-graduação em artes visuais

Fábio Rogério de Mello Tremonte

Redflag: caminhadas e territórios

São Paulo

2012

Fábio Rogério de Mello Tremonte

Redflag: caminhadas e territórios

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Poéticas Visuais.

Área de concentração: Multimeios.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Laurentiz.

Para Lais, Maria Carolina e Cecília.

Agradecimentos

Silvia Laurentiz, minha orientadora.

Euler Sandeville Junior, professor da Faculdade de Arquitetura e

Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Maria Angelica Melendi, Jaime Lauriano, Cecília Bedê, Letícia Ramos,

Nina Gazire, Adolfo Cifuentes, Edith Derdik, Michelle Magrini, Sandra

Kafka, Guilherme Leite Cunha, Marcelli Nascimento Martinez, Camila

Valones, Bruna Rafaella Ferrer, aos meus pais e colegas da Escola Ágora.

Resumo

Durante o processo de desenvolvimento desta pesquisa, uma série de trabalhos intitulada *Redflag* foi produzida. Esse grupo torna-se, então, o eixo principal da dissertação. É composta por trabalhos que lidam com a vivência no espaço urbano, principalmente, através de caminhadas e a criação de territórios, e, a partir disso, colocando em pauta questões que permeiam a configuração da cidade. Concomitantemente, são apresentados textos e trabalhos de artistas e de outros autores que relacionam-se diretamente com o tema da pesquisa, (Werner Herzog, Francis Alÿs, Robert Smithson, Hélio Oiticica, entre outros) propondo um percurso onde algumas veredas da arte contemporânea e da literatura abertas pela prática da caminhada se encontram, se bifurcam e se distanciam, tornando a chegada, o ponto de partida.

Palavras chaves

Caminhada, território, performance, intervenção urbana, cidade

Abstract

During the development process of this research, a serie of artwork called Redflag was produced. This group becomes then the main shaft of the dissertation. It is composed of artworks that deal with living in urban areas, mainly through walkings and creating territories, and, from there, putting on the agenda issues that permeate the city configuration. Concomitantly, presented texts and works of artists and other authors that relate directly to the subject of the research, (Werner Herzog, Francis Alÿs, Robert Smithson, Helio Oiticia, among others) proposed a course where some paths of contemporary art and literature were opened for practicing walking meet, bifurcate and move away, making arrival, the starting point.

Key words

Walking, territory, performance, urban intervention, city

Sumário

Partida.....	09
Redflag.....	17
1. Andar a pé.....	20
2. Demarcação.....	40
3. Contramão.....	54
4. Vãos.....	64
Chegada.....	83
Bibliografia.....	93
Lista de imagens.....	101

Partida

(Fig. 1) Fábio Tremonte | 12 dias | 2004

“O que não deixa de fazer de todo mundo o viajante sempre em busca da outra parte, ou o explorador maravilhado desses mundos antigos que convém, sempre e ainda uma vez, reinventar.”

(Michel Maffesoli)

O deslocamento geográfico se faz presente seja na distância rotineira percorrida da casa para o trabalho, do trabalho para a casa; seja naquela empreendida numa viagem de férias programada durante o ano para os meses de verão, de férias. Deslocar-se é necessário e, às vezes, é um ato preciso, outras, nem tanto.

Dentro dessa perspectiva, emerge nas artes visuais uma série de obras que se deterão em pensar, questionar, criticar e, principalmente, em experienciar as várias possibilidades de deslocamento geográfico que na cultura contemporânea estão em jogo. Tais obras não são meras repetições dessas formas de deslocamento, mas, sobretudo, um modo de sugerir outras formas, outras possibilidades de experimentação do tempo e do espaço.

As mudanças geradas pelas descobertas tecnológicas que vão desde a bússola ao GPS, dos carros de bois e embarcações rudimentares até o automóvel e o avião, tornaram os deslocamentos mais rápidos. Costuma-se dizer que “encurtaram as distâncias”. Ainda, há as transformações urbanas sofridas pelas grandes cidades como a reforma de Paris no século XIX, a criação do passeio público, possibilitando o surgimento da figura do flâneur, que caminha pela cidade e faz disso sua ocupação, pois se apropria das possibilidades encontradas no espaço público. Também, nos

últimos anos do século XIX surge o metrô e a iluminação a gás que provoca mudanças na forma das pessoas circularem e ocuparem a cidade.

O século XX, que é o século do automóvel e do avião, também não é menos pródigo na produção artística, literária e crítica em torno do tema das caminhadas, passeios e viagens. Surgem alguns movimentos artísticos e culturais que irão se deter sobre o tema dos deslocamentos. Os situacionistas, por exemplo, criarão proposições de ações como a deriva e a psicogeografia, que irão na contramão das noções tradicionais do passeio e das viagens, pois em alguns casos propõe-se se deixar perder, se relacionar com o espaço percorrido, com as situações e pessoas que encontrar durante a jornada.

Os beatniks, movimento de contracultura norte-americano, formado na sua maioria por músicos e escritores, irão experimentar as viagens pelas rodovias do país, cruzando-as a pé, de carona, empreendendo uma espécie de jornada ao submundo. Valem-se de elementos da cultura popular e de massa, indistintamente. O livro *On the road*, de Jack Kerouac, é emblemático neste sentido, conta a sua própria história e experiências pelas estradas durante um período de sua vida, mais precisamente, sete anos. Sob o pseudônimo de Sal Paradise, narra suas desventuras como um viajante errante pela América do Norte, através de caminhadas, caronas em carros e, clandestinamente, em trens. O uso de

drogas ilícitas e bebidas alcoólicas é, também, recorrente durante esses trajetos.

Com ampliação da capacidade de mobilidade, de trânsito, de deslocamento geográfico, o artista passa a pensar não apenas sobre seu próprio contexto, começa a incluir as inúmeras possibilidades que o deslocar põe em curso; como, por exemplo, sua presença enquanto observador ou participante de determinadas situações ou paisagens influi na sua produção; e, por vezes como o ato e modo de deslocamentos convertem-se num ponto de partida ou metodologia para construção de sua obra.

Sistematizar tal estudo e organizar as questões relativas ao deslocamento geográfico, como metodologia e/ou estratégia, na arte contemporânea e a forma multimidiática que, não raras vezes, tais trabalhos assumem quando da sua exibição, além de grande valia para o crescimento de minha produção artístico-teórica pessoal, é uma forma de tocar, de viés, questões relativas à alteridade, à ipseidade, à identidade e à política do nosso tempo.

O ato de andar a pé numa cidade como São Paulo, dominada pelo tráfego intenso de automóveis, é quase um gesto de resistência ou uma

requisição para pensarmos e experienciarmos o tempo (e o espaço) de uma forma mais lenta, mais atenta aos limites do corpo, do nosso passo.

Caminhar pela cidade é uma prática diária para mim: caminho para chegar ao ponto de ônibus, à estação de metrô ou para pontos mais distantes.

Escolho o deslocamento através da caminhada, pois quem vivencia as ruas, a cidade, os trajetos, os espaços percorridos dessa forma têm uma experiência diferente daqueles que passam por estes trajetos dentro de um carro, ônibus ou metrô. Caminhar é vivenciar e explorar o espaço percorrido em diversos aspectos. Permite-nos sentir a irregularidade do solo, cruzar demoradamente o olhar com alguém que passa na direção oposta ou mesmo encontrar fortuitamente uma moeda perdida.

Pensar a caminhada e os pontos de partida, chegada ou, mesmo, ações e situações desenvolvidas durante o trajeto como espaços possíveis e potências para criação de territórios é o que se pretende demonstrar com os trabalhos desenvolvidos durante essa pesquisa e, também, experienciar a caminhada através do olhar de quem está presente nas calçadas e ruas da cidade e passa pelo passeio público entre desníveis, desviar de automóveis estacionados sobre as calçadas e impedindo a passagem de pedestres, vencer o desafio de atravessar uma rua, entre outras vivências possíveis

apenas a partir do ponto de vista de quem está do lado de fora das janelas da cidade.

Redflag

Redflag compreende um grupo de trabalhos produzidos nos anos de 2011 e 2012 que foram criados a partir do desenvolvimento desta dissertação, por isso o título. Sendo assim, cada capítulo iniciará com uma breve descrição do tema corrente e, em seguida, um trabalho desse série abrirá a discussão sobre as produções presentes naquela seção.

Os trabalhos que formam essa série têm em comum a bandeira vermelha, como o próprio título indica, e um subtítulo ou complemento de título que indicam uma ação produzida de posse desse objeto.

No primeiro capítulo intitulado *Andar a pé* indica uma análise de relações entre e o trabalho *Redflag [caminhada]* e outras produções que tenham esse ato como mote principal.

No capítulo seguinte, *Demarcação*, a fotografia de uma bandeira vermelha fincada em um terreno intitulada *Redflag [território]* indicará o caminho e discussões subsequentes.

No terceiro, *Redflag [contramão]* dá a tônica do texto e nome ao mesmo, *Contramão*, e fará relações entre trabalhos que propõe uma tomada de partida necessariamente contra algo ou padrão estabelecido.

Para fechar, o quarto e último capítulo, chamado *Vãos, Redflag [encontro]* delinea as discussões sobre uma cidade utópica em que o urbanismo e a arquitetura são protagonistas de uma história esquecida.

Importante salientar que a série *Redflag* foi se processando durante o percurso traçado pela pesquisa e pesquisador, por isso a decisão de marcar cada um dos capítulos com um trabalho do conjunto.

1. Andar a pé

“Tanta coisa passa pela cabeça de quem caminha.”

(Werner Herzog)

AS LONG AS I'M WALKING , I'M NOT CHOOSING

“	“	“	“	“	, I'M NOT SMOKING
“	“	“	“	“	, I'M NOT LOSING
“	“	“	“	“	, I'M NOT MAKING
“	“	“	“	“	, I'M NOT KNOWING
“	“	“	“	“	, I'M NOT FALLING
“	“	“	“	“	, I'M NOT PAINTING
“	“	“	“	“	, I'M NOT HIDING
“	“	“	“	“	, I'M NOT COUNTING
“	“	“	“	“	, I'M NOT ADDING
“	“	“	“	“	, I'M NOT CRYING
“	“	“	“	“	, I'M NOT ASKING
“	“	“	“	“	, I'M NOT KEEPING
“	“	“	“	“	, I'M NOT TALKING
“	“	“	“	“	, I'M NOT DRINKING
“	“	“	“	“	, I'M NOT CLOSING
“	“	“	“	“	, I'M NOT STEALING
“	“	“	“	“	, I'M NOT MOCKING
“	“	“	“	“	, I'M NOT FACING
“	“	“	“	“	, I'M NOT CROSSING
“	“	“	“	“	, I'M NOT CHEATING
“	“	“	“	“	,
“	“	“	“	“	,
“	“	“	“	“	,
“	“	“	“	“	, I WILL NOT REPEAT
“	“	“	“	“	, I WILL NOT REMEMBER

(Francis Alÿs)

“Eu amo a rua.”

(João do Rio)

Em *Caminhando no gelo* (1982), Werner Herzog descreve uma viagem de longa distância na qual atravessou a Alemanha e a França para encontrar-se com Lotte Eisner, atriz alemã, que fora acometida por uma doença e que, então, encontrava-se em estágio terminal, em Paris. Poderia ter ido de avião ou outra forma mais rápida de deslocamento. Mas, a despeito da urgência, se propôs fazer esse percurso caminhando, seguindo o trajeto mais curto entre Munique e Paris e assim fez, de certo modo, com que o limite do seu corpo, do seu cansaço ditasse o tempo em que o encontro ocorreria. Para ele era como se isso pudesse adiar a morte de sua querida amiga.

Caminhar levando ou testando o limite do corpo é o que Artur Barrio propõe quando, em 1970, durante quatro dias e quatro noites, caminha pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, sem alimentar-se ou descansar. Inicialmente, sai de casa e parte para o Museu de Arte de Moderna, onde faz uma breve intervenção na instalação de Claudio Paiva.

Após esse ato lança-se pelas ruas da capital carioca. Em seu texto sobre a ação escreve: *“Esse trabalho processo começou a partir do Solar da Fossa onde eu morava, então sai a pé às cinco horas da manhã passando pela Ladeira dos Tabajaras, Copacabana, Leblon, Ipanema e o MAM, isso sobre todo um desgaste físico que me abriu uma percepção*

fantástica, pois com todo esse caminhar, a percepção se aguçou incrivelmente.” (BARRIO, 2001: p. 79-80)

Caminhar como forma de resistência em cidades tomadas por automóveis. Andar sem a preocupação de ir de um ponto a outro, apenas vivenciar a cidade e extrair de pequenas experiências surgidas nessas caminhadas alguma significação parece ser o mote para Barrio no trabalho processo *4 dias e 4 noites*, assim como a experiência de Francis Alÿs em *Narcoturismo* (1996), onde caminha pelas cidades de Copenhague, Dinamarca, durante sete dias de uma semana, no qual em cada dia, percorre um trajeto que o leva até o hotel após consumir uma droga, diferente por dia.

(Fig. 2) Francis Alÿs | *Narcoturismo* | 1996

A percepção aguçada por um corpo em estado alterado de consciência, seja pelo cansaço e fraqueza seja pelo uso de substâncias ilícitas, vai contra um uso rotineiro, habitual do espaço urbano, da rua, no qual é usado apenas como passagem, como meio para chegar a um destino, onde não é permitido vagar sem destino, ocupar.

Quando Barrio e Alÿs propõe ocupar esse território com seus corpos em outro estado de consciência, rompem com essas convenções, um por estar alucinado, bêbado, zozzo em uma cidade onde até o simples consumo de bebida alcoólica na rua é proibido; outro por se lançar sem destino, sem banho, sem comida, rompendo com o cotidiano e os hábitos corriqueiros.

H. D. Thoreau (1817-1862), autor norte-americano de *Caminhando* (1862), era adepto da vida ao ar livre, do contato com a natureza e, principalmente, das caminhadas como forma de resistência e desobediência civil perante as formas de governar e as regras de como viver. Durante grande parte da sua vida se dedicou à vida no campo e ao exercício de longas caminhadas pelas florestas e montanhas nos arredores de sua residência.

No livro, o autor descreve e tece considerações sobre as características e necessidades humanas que levam um homem a dedicar-se

a caminhada, prática que considera muito mais do que uma simples ação para deslocamento e ir de um ponto ao outro; é um momento para envolver-se com o ambiente selvagem, nesse caso, que, segundo Thoreau, era o único verdadeiramente livre; deixar o ar puro penetrar nos pulmões e vagar pelas matas e florestas fazia parte de um processo de autoconhecimento, no qual a caminhada gerava pensamentos que o colocariam em contato seu interior.

Segundo Walter Benjamin, o flâneur, também, experimenta um tipo de alteração de consciência: *“Uma embriaguez toma conta de quem, sem destino, vagou por longo tempo pelas ruas (...) Essa embriaguez anamnésica, que acompanha o flâneur vagando pela cidade, não só se nutre do que é perceptível na rua, mas também se apropria do simples saber, dos dados inertes, que passam a ser algo vivido, uma experiência.”* (BENJAMIN, 1989: p. 203)

Em 1978, Hélio Oiticica é convidado a participar, em São Paulo, do evento denominado *Mitos Vadios*, organizado por Ivald Granato; propõe o trabalho *Delirium Ambulatorium*, no qual chega a um estacionamento da rua Augusta, carregando detritos, restos da cidade do Rio de Janeiro.

(Fig. 3) Hélio Oiticica | Delirium Ambulatorium (trecho do projeto) | 1978

2 26

(no rio ATARF 24 out. 78 EVANILTON VARGAS/1988)

inventar "coisas para fazer" durante a caminhada

↓

(B) levar do RIO capa-faixa de mirmoplastificado com cola visível para ser enrolada em corpos duros: (procurar a pele preta ideal para o toque da faixa-mirmo: a capa está ainda por ser feita

↓

(C) levar em sacos plásticos ou balões selacionados de outro mundo: talvez nos contêineres de vinil de fotografias opaculadas em SÃO CRISTÓVÃO

→ fragmentos-tokens do RIO

↓

CH: da PAES. VARGAS → tema do MODAS DA MANOBRATA → água da PÁRTA DE IPANEMA → pequenos objetos de bazar da RUA LARGA

(Fig. 4) Hélio Oiticica | Delirium Ambulatorium (trecho do projeto) | 1978

(Fig. 5) Hélio Oiticica | Delirium Ambulatorium (trecho do projeto) | 1978

Em texto sobre o trabalho, caracterizado como uma “poetização do urbano”, escreve: “*Eu descobri o seguinte, a relação da rua com o que eu faço é uma coisa que eu sintetizo na ideia de Delírio ambulatório. O negócio assim de andar pelas ruas é uma coisa, que a meu ver, me alimenta muito e eu encontro, na realidade da minha volta ao Brasil, foi uma espécie de encontro mítico com as ruas do Rio, um encontro mítico já desmitificado. (...) então eu pego pedaços de asfalto da avenida Presidente Vargas, antes de taparem o buraco do metrô... (...) o delírio ambulatório é um delírio concreto.*” (JACQUES, 2003: P. 127,128)

Usando o espaço urbano, mais precisamente as ruas, como território de atuação, e a caminhada como prática, apresento, a seguir, trabalhos que dialogam com os textos a artistas apresentados e, também, iniciam a

discussão sobre o tema dessa dissertação dentro da minha produção artística.

Redflag [caminhando] | 2011

(Fig. 6) Fábio Tremonte | Redflag [caminhando] | 2011

Caminhar pelas ruas carregando uma bandeira vermelha faz parte do pensamento de quem caminha e solicita adesão e estimula a luta, mas, também, é vagar à procura de um território para se (re)fundar, por um espaço para fincar a bandeira na cidade. Mas poderia ser também, apenas, uma daquelas pessoas que trabalham sinalizando lançamentos imobiliários.

Mas, a ideia que interessa é a persistente presença de bandeiras vermelhas em manifestações nas quais as ruas são ocupadas, como símbolo de resistência.

Caminhar pelas ruas e calçadas de São Paulo é uma forma de resistência frente a uma cidade pensada para os carros, o passeio público é irregular e, muitas vezes, obstruído por carros, que insistem em dar uma breve parada ali, sem deixar espaço para o pedestre, que se vê obrigado a andar no meio fio ou mesmo na rua, correndo o risco de ser atropelado por um automóvel.

Em Redflag [caminhando] percorro as ruas da cidade sempre passando por calçadas estreitas que tem ao fundo muros e paredes através dos quais podemos perceber a ação do tempo ali marcada. Mas há também na seleção dessas fachadas uma escolha pictórica, a construção de paisagens.

O vídeo em loop (maneira na qual é apresentado, de forma circular, sem início ou fim) transforma a caminhada em uma prática incessante, uma resistência sem fim, porque o espaço para fincar a bandeira não é encontrado ou permanece indefinidamente no devir, sempre a expectativa de se (re)criar um território: é uma promessa, mas também uma solicitação para que cada um funde ou tome posse de seu território. Como na famosa frase de Fernando Birri, citada por Eduardo Galeano: “(...) *Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar*”. (GALEANO, 1994: p. 310)

(Fig. 7) Fábio Tremonte | Redflag [caminhando] | 2011

(Fig. 8) Fábio Tremonte | Só | 2006

No asfalto o sinal de trânsito demarca a faixa prioritária para os automóveis que irão fazer uma conversão a direita. Nas outras faixas, os carros continuam a passar, seguem em frente, alheios ao texto grafado no espaço ao lado, alheios a conversão e, alheios a figura que caminha no passeio público que, por sua vez, também está alheio a todo o movimento que o margeia.

O sinal desenhado no asfalto faz referência a caminhada solitária que caracteriza os passos da figura que caminha, que caminha e pensa, quem caminha e pensa e segue em frente.

Caminhar pelas calçadas da cidade de São Paulo pode, muitas vezes, implicar em uma grande aventura, pois o tempo todo o pedestre deve lidar com situações que exigirão toda sua atenção.

O passeio público irregular demanda certa destreza nos passos e agilidade para desviar de obstáculos como buracos, lixeiras, objetos e até jatos de água lançados por quem insiste em lavar a calçada defronte sua residência com uma mangueira.

Os automóveis são outro grande entrave para quem caminha por São Paulo, pois inúmeros motoristas insistem em fazer da calçada seu estacionamento. Paradas breves, outras nem tanto, são comuns, principalmente, em frente a estabelecimentos comerciais e escolas.

Com seu território invadido, o pedestre é obrigado a fazer um desvio para continuar seu trajeto, assim, caminha no asfalto, território dos automóveis. Essa situação apenas confirma o grande entrave entre pedestres e automóveis existentes na cidade.

Entretanto, quando o caminho não é obstruído, segue sem preocupação ocupando o território que a ele é determinado nessa confluência de vias que formam a cidade.

(Fig. 9) Fábio Tremonte | Só | 2006

(Fig. 10) Fábio Tremonte | Só | 2006

Passeio | 2009

(Fig. 11) Fábio Tremonte | Passeio | 2009

Passeio simula uma situação em que dois operários, trabalhadores da construção civil, carregam parte do seu material de trabalho.

Caminhando pelas ruas da cidade, acompanhado por um amigo, carregamos um cubo formado por tijolos. O ritmo do andar corresponde ao de um passeio, uma caminhada sem pressa, apesar de carregarmos um objeto pesado, mantemo-nos como se tivéssemos todo o tempo disponível para esse deslocamento.

Durante o trajeto, que não é definido previamente, começamos a sentir o peso sobre os ombros, quanto mais andamos, mais pesado o objeto parece ser.

Com ombros e braços doloridos o passeio vai se tornando um pouco mais penoso, isso aliado ao percurso feito nas ruas da Vila Madalena, entre subidas e descidas, o corpo começa a sentir.

O passeio deve terminar no local exato onde iniciou, mas como o trajeto é demarcado conforme a vontade de quem carrega chega um momento em que voltar torna-se mais importante, assim, tentando manter o ritmo de passeio, nos dirigimos ao ponto inicial.

Chegando lá, o objeto é abandonado na calçada e continuamos nossa caminhada. Agora, sozinhos, cada um toma seu próprio rumo.

(Fig. 12) Fábio Tremonte | Passeio | 2009

2. Demarcação

“Deambulando por los lugares banales a Zonzo definieron este vacío como la ciudad inconsciente: un grand océano en cuyo líquido amniótico se encontraba lá parte reprimida de la ciudad; unos territorios no indagados y densos de descubrimientos constante.”

(Francesco Careri)

Hélio Oiticica recolhe sobras das ruas para a realização de *Delirium ambulatorium* e os guarda no banheiro de seu apartamento. Segundo, Paola Berenstein Jacques, em *A estética da ginga*, Oiticica “*mostra um interesse particular pelo espaço público urbano, que ele (re) descobria com seu Delírio ambulatório, ou seja, com a experiência do espaço urbano, com a desmistificação do mito, com o simples andar a pé pelas ruas.*” (JACQUES, 2003: p. 128)

Ainda sobre *Delirium ambulatorium*, o próprio Hélio diz: “*Todos os pedaços do Rio de Janeiro tem um significado concreto e vivo...*” (JACQUES, 2003: p. 129)

Em 1979, fruto dos seus deslocamentos pela cidade do Rio de Janeiro, Oiticica realiza seu primeiro “contra-bólido” *Devolver a terra à terra*, que conta com a participação de outros artistas e que tem como premissa a comemoração dos cem anos de Paul Klee. A propósito, a ação chama-se *Kleemania*.

O trabalho consiste em pegar um tanto de terra – no caso, retirada de Jacarepaguá – e levar para um outro lugar – Aterro de Lixo do Caju. Sobre o solo, demarcou com uma fôrma de madeira um território no formato 80 x 80 x 10 cm e derramou a terra nesse espaço. Quando as madeiras foram retiradas, restou um quadrado de terra sobre terra.

(Fig. 13) Hélio Oiticica | Devolver a terra à terra | 1979

Paola Berenstein Jacques diz que essa ação está diretamente ligada as favelas, com seu “contra-bólido”, demarca a passagem entre o asfalto e a terra, que formam os territórios fronteiriços entre a cidade e a favela. *“Oiticica toca a questão do andar sobre a terra das favelas e também da propriedade da terra, que não pertence aos favelados.”* (JACQUES, 2003: p. 130)

Em outra região de fronteira, de conflito, Francis Alÿs realiza sua *Caminhada da linha verde* (2004), na qual caminha pelo território que divide Israel da Palestina, na cidade de Jerusalém, portando uma lata de tinta verde com um pequeno furo na tampa que vai se derramando pelo trajeto feito pelo artista.

(Fig. 14) Francis Alÿs | Caminhada da linha verde | 2004

(Fig. 15) Francis Alÿs | Caminhada da linha verde | 2004

A ação de demarcar um espaço percorrido, dividir um território parece reforçar o que já vem sendo discutido a anos na região, a divisão da cidade pelos dois países, a despeito da anexação do território por Israel, em 1967, durante a Guerra dos Seis Dias. Ao mesmo tempo, o uso da cor verde não deixa dúvidas de que o artista toma partido da situação ou, pelo menos, define seu lugar na discussão, pois a cor verde é um dos símbolos da religião islâmica, muito utilizado nas bandeiras dos países que professam essa crença.

Entretanto, Alÿs fica, também, dividido em entre duas fronteiras ou, para ser mais preciso, assume dois papéis (artista e ativista) quando dá uma espécie de subtítulo para o trabalho: *“A veces hacer algo poético se*

vuelve político y a veces hacer algo político se vuelve poético” (ALÿS e MEDINA, 2005: p. 167)

Em 1967, uma linha já havia sido demarcada sobre o solo quando Richard Long caminha sobre uma vegetação rasteira e lá deixa seu rastro que é registrado em fotografia e intitulado *Uma linha feita pelo caminhar*.

(Fig. 16) Richard Long | Uma linha feita pelo caminhar | 1967

Em certa medida, o trabalho de Long assemelha-se ao de Alÿs como uma forma de protesto; o primeiro quando toca em questões políticas que

dividem governos internacionais, o segundo quando levanta a bandeira sobre a extinção dos espaços abertos (tema muito atual se considerarmos a especulação imobiliária que move empreiteiras e construtoras a buscar por espaços vazios nas grandes cidade para, ali, erguer edifícios enormes e espaços fechados e “seguros:). Long preocupa-se com a manutenção dos espaços naturais: *“Os espaços abertos estão desaparecendo cada vez mais (...) Para mim, estar na natureza é uma forma de religiosidade imediata.”* (CARERI, 2009: p. 148)

Redflag [território] | 2011

Caminhando pela cidade de São Paulo, deparo-me com diversos espaços pouco aproveitados, apesar de serem, inicialmente, construídos para o uso comum – praças, escadões, vielas, calçadas.

Esses lugares são encontrados e observados durante meus trajetos corriqueiros, anoto a localização e, posteriormente, retorno para lá fincar uma bandeira vermelha, criando um território, tomando posse do espaço público abandonado e sem a presença das pessoas.

Importante notar que nesse espaço pouco utilizado ainda há vestígios e até uma presença, pequena que seja, de outras pessoas que fazem dali, também, seu território como: moradores de rua, casais de namorados, usuários de drogas, etc. Dessa forma, não tenho a intenção de reivindicar aquele lugar para mim, mas, sim de fixar aquele espaço como um local público de fato e que serve, sim, a quem se dispor a usá-lo de uma forma ou outra.

(Fig. 17) Fábio Tremonte | Redflag [território] | 2011

Seguindo uma linha parecida com a de *Redflag [território]*, *m²* é outra intervenção que pretende criar territórios pela cidade. Lugares, também, são escolhidos pela observação durante as caminhadas. Os espaços selecionados são geralmente terrenos baldios ou praças abandonadas, fazendo, assim, também, uma crítica a maneira como os espaços são criados e demarcados na cidade, através da especulação imobiliária.

(Fig. 18) Fábio Tremonte | m² | 2011

Caminhando: educação pela pedra | 2010

A educação pela pedra

(João Cabral de Melo Neto)

*Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletra-la.*

*Outra educação pela pedra; no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.*

(Fig. 19) Fábio Tremonte | Caminhando: educação pela pedra | 2010

(Fig. 20) Fábio Tremonte | Caminhando: educação pela pedra | 2010

Durante um período determinado de dias, sempre que saí para fazer algo a pé, recolhia uma pedra e guardava-a no bolso, passava todo o tempo que estava fora de casa com esse elemento próximo ao meu corpo.

Ao chegar em casa, a pedra era colocada sobre uma mesa e uma marcação era feita em uma tabela que representava os dias em que a pedra foi recolhida.

Essa pedra deveria estar no meu caminho, não podia localizar-se em um jardim ou canteiro, mas estar na passagem, como se pronta para um encontro, para ser carregada comigo e, assim, dividir sua história.

3. Contramão

Em 1931, no que nomeou de *Experiência nº 2*, Flávio de Carvalho, utilizando um chapéu, caminha de encontro a uma procissão, anda na direção oposta ao da multidão, embrenha-se forçando passagem por entre as pessoas. Fato que o leva a um quase linchamento por parte dos participantes do evento.

Na ação intitulada *Re-enactment*, de 2000, Francis Alÿs caminha pelas ruas da Cidade do México carregando um revólver em uma das mãos pendida e rente ao corpo. Após doze minutos andando pela via pública, surge uma viatura de polícia que o interpela, revista e o leva preso.

(Fig. 21) Francis Alÿs | *Re-enactment* | 2000

Em 1990, o jovem estadunidense Christopher Johnson McCandless, recém-formado na universidade, inventa (ou reinventa) uma nova vida para si, vende tudo o que possui, queima o pouco dinheiro que tem na carteira e lança-se a perambular pelas ruas e estradas do seu país. Sua vida vai a cabo quando dirige-se a pé para uma região e deserta e desabitada no norte do Alasca.

Em 1964, Hélio Oiticica descobre o morro da Mangueira, suas vielas estreitas e a maneira de circular e andar por esses caminhos, além de tornar-se passista da escola de samba de mesmo nome. Um jovem da classe média carioca, logo após a morte do pai, lança-se a novas experiências, faz o caminho inverso, envolve-se com uma comunidade até, então, desconhecida para ele. Esse contato irá trazer a tona um novo modo de ser, conforme pode ser constatado em relato da artista Lygia Pape: *“Ele muda radicalmente, até eticamente; ele era uma apolíneo e passa a ser dionisíaco (...) Essas barreiras de cultura burguesa se rompem lá, é como se vestisse um outro Hélio, um Hélio do ‘morro’, que passou a invadir tudo: sua casa, sua vida, sua obra.”* (JACQUES, 2003: p. 27).

Ao caminhar pelo morro da Mangueira, Oiticica experimenta a sensação do labirinto, que o levaria mais tarde à suas experiências urbanas, como *Delirium ambulatorium* e *Devolver a terra à terra*. Segundo próprio artista sobre seu último e inacabado trabalho, *Esquenta*

para o carnaval, de 1980: “*Para mim é melhor levar a descoberta do urbano à favela (...)*” (JACQUES, 2003: p. 130)

Hélio inverte, agora, o caminho; sai da zona sul e vai para a favela, quando descobre os caminhos labirínticos, que o leva de volta à cidade seus labirintos de ruas que se formarão com uma cidade que foi crescendo de forma natural e desordenada, conforme era ocupada por construções e pessoas.

É fazendo uso dos labirintos que as ruas das cidades formam, que Alÿs consegue caminhar durante quase doze minutos pelo espaço urbano, ação que pode provocar tensão entre o artista e os outras pessoas, sendo que, provavelmente, uma delas tenha acionado a polícia.

Tensão, também, criada por Flávio de Carvalho quando invade a procissão, não apenas faz uso na contramão da via pública, como confronta a fé dos participantes, vai na contracorrente daquela ocupação.

Os trabalhos aqui apresentados criam certa tensão nas relações existente no espaço público, seja entre as pessoas, seja entre convenções pré-estabelecidas. Como os Situacionistas tratam a cidade a partir da perspectiva da deriva: “*(...) existe um relevo psicogeográfico das cidades,*

com correntes constantes, pontos fixos e turbilhões que tornam muito inóspitas a entrada ou saída de certas zonas.” (JACQUES, 2003: p. 87)

Redflag [contramão] | 2012

Imagens de congestionamentos na cidade de São Paulo é comum, recorrentemente mostradas por televisões, jornais, revista etc. Grandes concentrações de carros em vias nas quais isso é comum no dia a dia ou naquelas formadas após uma forte chuva no fim da tarde, fato que acontece com frequência devido a quantidade de automóveis na rua aliado à necessidade de diminuir a velocidade mais problemas de funcionamento dos semáforos com o ocorrido e constantes zonas de alagamento.

Em meio a essas situações, caminho por entre os carros carregando uma bandeira vermelha. Objeto esse utilizado nessa série com um símbolo de resistência, de procura por adesão a uma causa.

Nessa ação opto apenas pelo relato e experiência, sem registro, pois já é grande a demanda de imagens do trânsito parado em São Paulo, de modo que essa situação já está no imaginário ou, para ser mais exato, no dia-a-dia de quem habita a cidade ou passa por aqui por alguns dias ou horas.

Importante salientar que o trajeto traçado por entre os carros acontece sempre no sentido contrário dos automóveis, sobre as faixas de sinalização de trânsito.

(Fig. 22) Fábio Tremonte | Errar | 2012

Essa intervenção faz referência às desenhos encontradas gravados nos antigos menires, pedras altas que eram fincadas a beira de caminhos e sinalizavam rotas que ligavam as regiões. Os desenhos simbolizavam o Ka, símbolo do eterno errar, e eram formados por duas mãos levantadas.

Para o trabalho foram produzidos cartazes que, fixados nos postes de caminhos que faço regularmente, fazem uma alusão direta aos menires, aos caminhos e como esses trajetos foram responsáveis pelo surgimentos das cidades.

Entretanto, substituí o desenho das mãos de palmas abertas e levantadas para o céu por dois punhos cerrados, sinal feito por aqueles que protestam em manifestações públicas, como se retomassem o espaço da rua.

Vale, ainda, lembrar do caráter fora-da-lei, transgressor, de tal ação que, segundo a lei Cidade Limpa do prefeito Gilberto Kassab, em vigor desde o dia primeiro de janeiro de 2007, proíbe qualquer tipo de divulgação como outdoors, cartazes, etc. no espaço público urbano, excetuando apenas aqueles que seguirem as normas estabelecidas pelo governo municipal.

Descanso: breve reflexão | 2010

Caminhar pela cidade de São Paulo pode ser uma experiência agradável e prazerosa, pelo menos tenho essa sensação, principalmente quando posso sair por aí sem preocupação com distâncias e horários.

Entretanto, quem caminha longas distâncias precisa lidar com alguns inconvenientes como a falta de sanitários públicos e bancos para uma pausa, momentos de descanso. Algumas praças ainda mantem bancos para sentar, mas em muitas, quando não foram totalmente abolidos, foram substituídos pelos bancos *anti-cochilos* que, por ter sua superfície dividida em três, com elevações separando os espaços, impede que uma pessoa deite-se ali e faça uma pausa mais longa. Ao longo do passeio público os únicos bancos existentes são aqueles localizados em alguns poucos pontos de ônibus.

A partir de uma experiência que vivenciei em 2010, com um o grupo que participava da disciplina *Paisagens Vivenciadas - Da Contracultura a Contemporaneidade*, do programa de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, ministradas pelos professores Euler Sandeville Junior e Jorge Bassano, na qual fizemos um piquenique na Praça da Sé e, logo após, tivemos aula sentados na escadaria da entrada principal da Catedral da Sé.

Durante o convescote, que utilizou como mesa o Marco Zero da praça, chamou minha atenção a Guarda Civil Metropolitana abordar qualquer pessoa que ousasse sentar sobre os degraus da referida escada, pedindo para que levantasse.

Curiosamente, nosso grupo não foi abordado pela polícia durante os quase sessenta minutos que estivemos ali sentados ouvindo o professor Euler falar sobre Robert Smithson e Jack London.

4. Vãos

“(...) será mais importante conservar a rua do que ocupar este ou aquele edifício.”

(Paul Virilio)

Esse capítulo refere-se às diferentes maneiras de ocupação do espaço público. Seja pela observação do abandono de algumas construções que ocupam a cidade, pela crítica sobre a falta de moradias populares, como uma ocupação industrial transforma o espaço público causando seu esvaziamento, ou como construções inacabadas deixadas à própria sorte, sem nenhuma função talvez, indicando apenas um arruinamento precoce.

O espaço urbano, suas vagas, seus vazios criados pelo crescimento acelerado das cidades estão presentes nos trabalhos analisados aqui. Como a cidade cria espaços vazios e obsoletos e como esses lugares podem ser (re)ativados pelo olhar atento de artistas caminhantes.

Alguns anos atrás, mais precisamente em 2005, assistimos na cidade de São Paulo a polêmica decisão da prefeitura municipal, administrada então por José Serra, de criar as “*rampas anti-mendigos*”, que consistem em anular espaços existentes, principalmente, debaixo de viadutos e pontes, usados como abrigo e local para dormir por moradores de rua.

Com a superfície mais áspera do que os chão do calçamento e com uma inclinação que impossibilita a ocupação e permanência sobre elas, essas rampas também anulam o vão existente entre a rua e o viaduto, entre o espaço de circulação de carros e outro, um vão que existe pelo fato das construções terem ali se instalado, mas, que, de alguma maneira, ganha

um uso pelo cidadão, sua utilidade surge pela falta de políticas públicas que assegurem moradias populares, assim, mais do que um simples lugar para passar a noite, esses vãos se tornam um lugares de resistência, de crítica a uma administração que não pensa o espaço urbano para as pessoas, um local público onde a permanência não é vista com bons olhos, onde te obriga apenas a passar, seguir a diante, onde a rua e calçada são vistos apenas como locais de passagem. Por isso, um local ocupado por mendigos (outro motivo para anular o vão, a presença de pessoas que estão à margem é menos desejada ainda) é motivo para sumir do mapa ou, sendo isso impossível, ao menos, anular esse lugar.

Em 1994, Francis Alÿs sai à coltear cartazes usados em propaganda eleitoral e constrói uma espécie de cabana, cobertura ou abrigo que é colocada sobre a grade de respiro do metrô, localizada no passeio público, intitulado *Vivienda para todos*. A tenda se mantém estruturada a partir do vento quente que sai das tubulações do metrô.

(Fig. 23) Francis Alÿs | *Vivienda para todos* | 1994

Alÿs usa um espaço já existente na cidade, mas que é, de certo modo invisível, com sua *vivienda* ele o ativa conferindo-lhe nova utilidade e visibilidade. Mas, não só a ele, dá outro uso e visibilidade a esses resíduos de campanhas eleitorais também.

Com isso faz uma crítica diretamente a organização política do país. Quando batiza seu trabalho de *Vivienda para todos*, slogan utilizado por diversos partidos políticos mexicanos durante a campanha eleitoral daquele período (1994). Com uma cabana, semelhante às usadas por aqueles que ocupam os espaços públicos em protestos que duram dias, lembra, inclusive os governantes, das velhas promessas feitas durante as

campanhas eleitorais e que são prontamente esquecidas tão logo o resultado do pleito é divulgado.

Como uma ação situacionista, o artista cria um *cenário movente*, algo que está pronto para abrigar, pois se trata de uma tenda, mas que pela fragilidade do seu material, em breve, esvanecerá.

Em 2003, Maria Helena Bernardes, artista gaúcha, também parte em busca de um vão, em busca de um espaço adormecido na cidade, um lugar cuja existência parece passar despercebida para o mercado e para a comunidade local, o qual registrará na publicação *Vaga em campo de rejeito*.

Maria Helena desloca-se para Arroio dos Ratos, cidade distante cerca de uma hora de carro de Porto Alegre, onde reside. Ela é movida por um interesse singular: a busca por uma vaga. A artista segue sua busca a partir da sugestão de um amigo que, apesar de nunca ter visitado o local, diz ter visto uma vaga a partir da rodovia.

Vaga, para Bernardes, é uma construção de cimento ou outro material industrial usado para fazer pisos, geralmente um território de pequena dimensão, feita para um determinado fim, mas, que se encontra

sem uso e abandonada entre outras construções que continuam a ser utilizadas.

Bernardes inicia, então, um processo de replicar a vaga no terreno próximo ao Museu do Carvão. Tiradas as medidas, inicia sua construção. A vaga é, inicialmente, construída de carvão. Ela se assemelha a vaga original no formato e no tamanho, mas não no material. Construir o vazio sobre outro vazio para, assim, tornar visível o que está ali, mas não é visto.

Bernardes cria uma espécie de monumento na cidade, um resgate da memória sobre o nada, sobre o esquecimento, sobre a sobra.

(Fig. 24) Maria Helena Bernardes | Vaga em campo de rejeito | 2003

Em 1967, Robert Smithson toma um ônibus e se dirige para Passaic, cidade, próxima a Nova Jersey, onde nasceu e viveu parte de sua vida. O lugar para onde se dirige não é desconhecido, uma familiaridade com o espaço o move até lá. Durante a viagem, lê algumas matérias de revista, tece comentários sobre a leitura, fala do céu sob a estrada. Essa viagem resultou em um pequeno livro com textos e fotografias chamado de *Passeio pelos monumentos de Passaic*.

A paisagem de Passaic é formada por resíduos industriais, por construções usadas pelas indústrias, por uma arquitetura de fábrica. Smithson se depara com a grande ponte que cruza o rio Passaic. O artista fotografa e denomina essas estruturas de monumentos, enquanto caminha.

(Fig. 25) Robert Smithson | Passeio pelos monumentos de Passaic | 1967

(Fig. 26) Robert Smithson | Passeio pelos monumentos de Passaic | 1967

Smithson se depara, em um determinado momento, com uma caixa de areia, a qual nomeia de deserto. Naquele espaço para estar contido a planificação e a aridez de um deserto e que pode representar toda a aridez desse complexo industrial presente em Passaic e capturado pela máquina fotográfica do artista que parece se relacionar com o passado, com um tempo imemorial, assim faz muito sentido denominá-los monumentos,

como se já se antecipassem ao futuro, como se já estivessem fazendo parte de um porvir pelo simples fato de estarem inertes.

No fim do seu passeio, Smithson encontra um enorme estacionamento, monumental, que parecia ser um espelho e refletir a cidade, como se a dividisse entre o lado real e a sua réplica. Tal imagem assemelha-se as sobras de Bernardes, a sobra real e a sua réplica idêntica construída no campo de rejeito.

Assim como a construção efêmera de Alÿs e a replicação da sobra por Bernardes, Smithson está desnudando uma cidade que cresce, que se torna árida pelo simples fato de existir, pois vai tomando um espaço que não serve mais para a convivência, para caminhar, para estar.

(Fig. 27) Robert Smithson | Passeio pelos monumentos de Passaic | 1967

Redflag [encontro] | 2011 (projeto)

(Fig. 28) Fábio Tremonte | Redflag [encontro] | 2011 (projeto)

Projeto concebido para realizar-se no Elevado Costa e Silva, vulgo Minhocão. Importante via de ligação entre a Zona Sul e Oeste da cidade de São Paulo, inaugurado em 1960, pelo, então prefeito, Paulo Maluf. Famosa por degradar e desvalorizar os edifícios que a margeiam e encontram-se nas avenidas General Olímpio da Siveira e rua Amaral Gurgel.

Já há alguns anos, desde 1976, o Minhocão é interditado durante à noite. Desde 1989, na gestão da prefeita Luiza Erundina, o elevado, também, é fechado aos carros nos domingos e feriado, criando um espaço de lazer para o público que o ocupa com piqueniques, jogos de bola e bicicletas.

Apesar dos rumores de projetos para demolição da construção, é provável que não se efetivem, pois ficaria um valor muito alto e oneroso para o Estado bancar.

Redflag [encontro] propõe uma ação onde dois grupos caminhariam no Minhocão. Formados por, aproximadamente, cinquenta pessoas de cada lado, os grupos estariam carregando bandeiras vermelhas e tochas, simultaneamente.

Postado em pontos opostos da via, os dois grupos iniciam uma caminhada na qual o trajeto é direcionado para o encontro com o outro grupo.

No meio caminho encontram-se, as tochas acesas encontram as bandeiras vermelhas, que pegam fogo e transformam-se em tochas também.

Os grupos continuam seus caminhos, agora de costas um para o outro, mas todos carregam a mesma coisa, tochas acesas.

Faixas | 2011

(Fig. 29) Fábio Tremonte | Faixas | 2011

(Fig. 30) Fábio Tremonte | Faixas | 2011

A experiência de andar pelas ruas direcionam meu olhar e meu corpo para situações que apenas quem caminha pode viver. Atravessar uma rua pode ser uma experiência de confronto, pois faixas de pedestres e sinais luminosos são recorrentemente desrespeitados pelos veículos, mesmo que pesquisas recentes apontem a eficácia da campanha iniciada no ano de 2012, pela prefeitura de São Paulo, apelando ao motorista o respeito pelo território do pedestre.

Nesta série de 12 fotografias registro o abandono e degradação das faixas de segurança; todas fotografadas em vias de grande circulação de automóveis na cidade de São Paulo, foco principal da presente investigação e produção.

Grande parte das faixas sofrem, naturalmente, com a ação do tempo, da passagem dos carros, um desgaste na sua pintura, entretanto, poucas (ou quase nenhuma) são restauradas, criando, assim, uma espécie de lugar nenhum ou deixando claro a pouca importância daquele elemento para a organização da circulação (de automóveis e pessoas) na cidade.

(Fig. 31) Fábio Tremonte | Faixas | 2011

(Fig. 32) Fábio Tremonte | Faixas | 2011

(Fig. 33) Fábio Tremonte | Faixas | 2011

(Fig. 34) Fábio Tremonte | Faixas | 2011

Passeio público | 2010 (projeto)

(Fig. 35) Fábio Tremonte | Passeio público | 2010 (projeto)

Apresentado como projeto, esse trabalho propõe o prolongamento de calçadas sobre a rua. Ou seja, no local destinado a travessia de pedestres, a faixa de segurança, seria construída uma calçada, criando um obstáculo de fato para os carros que se veriam obrigados a parar.

Esse obstáculo geraria, inicialmente, a necessidade de buscar um alternativa a aquele caminho pelo motorista; fato muito pouco explorado durante os trajetos habituais, podendo notar a quantidade de carros estacionados em lugares proibidos, sobre calçadas e impedindo a

passagem de pedestres e nas manobras e conversões que incomodam o fluxo de outros automóveis pelas ruas e avenidas.

Chegada

“Andar é talvez – mitologicamente – o gesto mais trivial, portanto o mais humano. Todo sonho, toda imagem ideal toda promoção social suprimem antes de mais nada as pernas, seja no retrato ou no automóvel.”

(Roland Barthes)

Esse trabalho iniciou-se com a vontade de mapear e catalogar sistematicamente uma gama de obras que tem o deslocamento como mote principal. Com o desenrolar da pesquisa, deparei-me com um tipo de produção que se atém a uma especificidade do deslocamento, a caminhada. Essa forma de produção, a caminhada como prática artística, ecoa em mim de duas maneiras: primeiro como artista; segundo, como pedestre, como um cidadão que utiliza as caminhadas como deslocamento diário. Arrisco dizer que essas duas figuras caminham juntas boa parte do tempo.

O que proporcionou para meu olhar de pesquisador buscar trabalhos nos quais os artistas se colocavam como sujeitos ativos de suas ações e proposições, estando fisicamente presentes nas suas produções, seja corporalmente, seja pelo relato de uma experiência das sensações, alterações e do desgaste do corpo. E, também, são trabalhos que tem uma escala humana, cotidiana, possível.

E, ao andar a pé em uma cidade como São Paulo, podemos estar sujeitos a muitos percalços. Andar no passeio público instável, cheio de degraus e buracos, pode render alguns tropeços, o risco de virar o pé ou, até mesmo, pisar em uma tampa de bueiro e escorregar para dentro do vão que se abre. Isso para não falar dos dejetos deixados pelos donos de cães. A necessidade de desviar dos carros que insistem em parar, estacionar,

principalmente, em frente a estabelecimentos comerciais e obstruir a passagem de quem está a pé é, também, constante.

Segundo Paul Virilio, *“a rua é como um novo litoral; o domicílio, um porto do transporte de onde se pode medir a importância do fluxo social, medir seu transbordamento.”* (VIRILIO, 1996: p. 22,23).

Em matéria publicada no portal UOL, no dia vinte e três de setembro de 2009¹, sobre mobilidade na cidade de São Paulo, uma pesquisa revela que andar a pé é o principal meio de transporte de 1/3 da população paulistana, grande parte desse número vivendo na periferia da cidade. Hordas de pessoas utilizam seus próprios pés diariamente em trajetos para o trabalho, a escola ou outros destinos, saem pelas ruas enfrentando as ladeiras e calçadas estreitas comuns ao espaço da cidade.

Outro incômodo para quem caminha pelas calçadas são as luzes localizadas nas entradas de casas e edifícios que acendem automaticamente quando o sensor detecta o transeunte que passa e não pode ficar anônimo, mas é flagrado no seu passeio tornando-o suspeito, apenas por andar a pé no período noturno.

¹<http://noticias.uol.com.br/especiais/transito/2009/09/23/ult5848u58.jhtm>

Atravessar a via também é um problema, cruzar uma rua para chegar do outro lado pode ser complicado. Apesar da preocupação da prefeitura em fazer valer a lei que proíbe automóveis de parar e obstruir a faixa de segurança para travessia de pedestres e alardear que dez mil faixas em toda a cidade foram repintadas, muito pouco houve efetivamente de mudança para a vida de quem anda a pé; grande parte das faixas localizadas em cruzamentos não conta com sinal luminoso para pedestre, isso quer dizer que ele deve estar atento para uma possível brecha se quiser conseguir atravessar. Mais atento, ainda, devemos estar para atravessar em faixas que não tem sinal luminoso para o carro. Esqueça qualquer tipo de gentileza e prioridade ao pedestre por parte da maioria dos motoristas, enfim, quase uma prova de vida. Faixas de pedestre e passarelas podem ser mais um transtorno na vida do caminhante, pois, em alguns casos, suas localizações estão longe do objetivo de quem atravessa a via, como um ponto de ônibus ou uma via de acesso para outro ponto, assim ele lança-se pelo meio da via, correndo o risco de acidentes.

A organização da cidade deveria contar com a participação ativa do cidadão/habitante, daquele que vive o dia-a-dia do espaço público, como prega os preceitos do arquiteto-urbano, termo cunhado por Paola Berenstein Jacques: *“O arquiteto-urbano seria aquele que passaria a intervir nessas diferentes urbanidades extremas já existentes, nessas*

novas situações urbanas já construídas com identidade própria, ou seja, aquele que se ocuparia dos espaços-movimento.” (JACQUES, 2003: p. 151)

Caminhar em São Paulo tem, também, outro lado - ou outros lados-, que muito me agradam. Andar à noite pela cidade é uma das experiências mais fascinantes que já vivenciei. Depois de beber algumas cervejas, sair madrugada a dentro percorrendo o trajeto de volta pra casa é quase indescritível. Como diria João do Rio a “*alma da rua só é inteiramente sensível a horas tardias*”.(RIO, 2008: p. 15). As luzes da cidade não dão conta de iluminar todas as ruas, ou melhor, a companhia responsável pela manutenção não consegue, por algum motivo, fazer a manutenção adequada das lâmpadas que deveriam iluminar a via pública. Assim, é possível caminhar sob a luz da lua cheia.

Perceber a presença de outra pessoa caminhando na mesma rua, seja atrás de você, seja em sua direção gera algo que inicialmente seria uma sensação de insegurança, mas isto logo se afasta, quando percebemos que estamos ambos, por algum motivo, na mesma situação, andando a pé em uma cidade pensada, cada vez mais, para os automóveis. Andar a pé por São Paulo é tomar a consciência dos espaços que formam a cidade, das pessoas que vivenciam a cidade e se relacionam com ela, e dos trajetos existentes. Quando caminho pelas ruas da cidade, tenho a certeza de que

estou apropriando-me de um espaço que foi construído para mim e para mais vinte milhões de pessoas, e que poderiam estar pisando nas calçadas esburacadas ou nas faixas de pedestres apagadas. A ideia de que a cada passo vou reafirmando a cidade como um espaço para caminhar, demarcando um território, resistindo ao olhar apenas através das janelas, vai se tornando cada vez mais presente e a vontade de caminhar aumenta. E persisto, nem que seja apenas para olhar demoradamente nos olhos de alguém que cruze meu caminho ou, mesmo para ter a sorte de, por acaso, encontrar uma velha moeda perdida.

Esse texto concentrou-se em certo tipo de produção de arte contemporânea e se propôs a colocar meu trabalho em conversa com esta produção. Centrei a dissertação em um indivíduo que caminha de forma solitária, apesar de estar em uma cidade com dez milhões de habitantes. Com isso achei emblemática a presença de um vídeo feito antes mesmo de iniciar o processo dessa dissertação: *Só* (ver páginas 34-36).

Resisto às mudanças geradas pelas descobertas tecnológicas, que ampliam nossa capacidade de mobilidade e redirecionam o próprio sentido do termo, pois desconfio de dispositivos móveis que nos elevam a categorias daqueles que possuem ubiquidade, ou seja, a qualidade de estar física e concomitantemente presente em diversos lugares. O deslocamento geográfico passa a ser orientado por GPS, que sugere percursos mais

pertinentes ou consistentes (menor distância, melhores condições de trânsito) como se o deslocar fosse apenas ação eficiente. Neste presente trabalho houve a tentativa de mostrar que há um conhecimento adquirido na experiência de caminhar a pé, e que não pode ser expresso apenas por palavras, nem por qualquer dispositivo. Há um veio poético nesta experiência, principalmente quando se coloca as questões do ‘corpo que caminha’, da ‘territorialidade’, das intervenções entre ‘o público e o privado’, na relação entre ‘arquitetura e urbanidade’, e principalmente, na diferença entre ‘espaço e lugar’. Desta forma, não estive apenas percorrendo espaços, tracei deslocamentos entre lugares - aqueles espaços habitados, que são o que são pela relação com o homem que o ocupa. Portanto, não será um GPS que recuperará a relevância destes percursos, pois este é processado pelas condições geográficas dos espaços. Não serão câmeras de vigilância que conduzirão as minhas angústias, o meu sentimento de solidão no caminhar noturno, mesmo aquelas com sistemas inteligentes, de reconhecimento de faces ou outro artifício gerado por tecnologia de ponta.

Assim, a tecnologia tem se esforçado para nos orientar, mas não tem tido sucesso em criar identidades. Conforme Luiz Augusto dos Reis-Alves (2006), o tempo em que vivemos em um lugar também interfere na nossa percepção espacial, pois adquirimos afeição a ele. Além disso, o lugar carrega lembranças, memória de tempos passados, que diferencia nossa

relação com os ambientes. E citando o antropólogo Marc Augé, Reis-Alves continua: “*Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar*” (AUGÉ, 1994:p. 73). Augé defende a hipótese de que a supermodernidade é produtora de *não-lugares*, que podem vir representados pelos espaços públicos de rápida circulação, como aeroportos, rodoviárias, estações de metro (...) (REIS-ALVES, 2006). Pegando a carona nesta discussão, lugar enquanto uma relação de natureza simbólica do homem e o espaço que vive, Michel Foucault levantou uma série de ‘utopias e heterotopias’ (FOUCAULT, 1984), que depois foram revisitadas por André Lemos (2007) para retratar as mídias locativas e territórios informacionais, que demonstram a complexidade das teias sógnicas que entremeiam as relações dos espaços habitados e que não poderiam se perder nesta orientação/desorientação nos percursos percorridos. Estas mesclas, fissuras e dobras espaços-temporais têm muito a contar e o artista pode ser um interlocutor.

Como dito na introdução deste trabalho, a proposta do artista que passa a incluir as inúmeras possibilidades que o deslocar põe em curso foi apresentado, e ressaltou-se como sua presença enquanto observador e/ou participante em determinadas situações e/ou paisagens pôde influir na sua produção. Ao mesmo tempo em que o ato e modo de deslocar-se se

converte num ponto de partida ou metodologia para construção de sua obra.

Ao pensar na caminhada solitária, pude estar atento ao entorno, aos caminhos, às pessoas, às formas de ocupação e circulação na cidade e os tipos que emergem dessas situações cotidianas.

Bibliografia

ALÿS, Francis. *In a given situation / Numa dada situação*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

ALÿS, Francis. *The Modern Procession*. Nova York: Public Art Fund, 2002.

ALÿS, Francis. *A story of a deception / Historia de um desengano: Patagonia, 2003 – 2006*. Buenos Aires: Malba, 2006.

ALÿS, Francis. *Walks / Paseos*. México: Museo de Arte Moderno, 1997.

ALÿS, Francis e MEDINA, Cuauhtémoc. *When faith moves mountains / Cuando la fe mueve montañas*. London: Turner, 2005.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Coleção Travessia do século. Campinas: Papirus, 1994.

BARRIO, Artur. *Artur Barrio – A metáfora dos fluxos – 2000 / 1968*. São Paulo: Paços das Artes, 2001.

BARTHES, Roland. *Como viver junto*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Infância em Berlim in Obras escolhidas II: Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERNARDES, Maria Helena. *Vaga em campo de rejeito*. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

BEY, Hakim. *TAZ: Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

BRETT, Guy. *Brasil experimental: arte/vida, proposições e paradoxos*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

BUREN, Daniel. *Textos e entrevistas escolhidos [1967 – 2000]*. Rio de Janeiro: Centro de Arte Hélio Oiticica, 2001.

CALLE, Sophie. *Double-jeux*. Paris: Actes Sud, 1998.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARERI, Francesco. *Walkscapes – El andar como practica estética*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2009.

CORTÁZAR, Julio. *Todos los fuegos el fuego*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2004.

COTRIM, Cecília e FERREIRA, Glória. *Escritos de artistas: anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

DIDEROT, Denis. *O passeio do cético ou as alamedas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FLAM, Jack. *Robert Smithson: The Collected Writings*. Califórnia: University of California Press, 1996.

FOUCAULT, Michel. *De outros espaços*, Conferência proferida em 14 de março de 1967, no Centre d'Études Architecturales, publicada em *Architecture, Movement, Continuité*, 5, 1984.

GALEANO, Eduardo. *Las palabras andantes*. Montevideu: Siglo XXI, 1994.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.

HERZOG, Werner. *Caminhando no gelo*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

HOME, Stewart. *Assalto à cultura: utopia, subversão, guerrilha na (anti) arte do século XX*. São Paulo: Conrad Editora, 2004.

HORODNER, Stuart. *Walk ways*. Nova York: Independent Curators International, 2002.

Internacional Situacionista. *Situacionistas: teoria e prática da revolução*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade / Internacional Situacionista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KEROUAC, Jack. *On the road*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

KRAKAUER, Jon. *Na natureza selvagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LAGNADO, Lisette e PEDROSA, Adriano. *27ª Bienal de São Paulo: Como viver junto: Guia*. São Paulo: Fundação Bienal, 2006.

LEMONS, André (2007). *Mídia Locativa e Territórios Informacionais*, in http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/midia_locativa.pdf (acessado em 2012).

LONG, Richard. *Heaven and Earth*. Londres: Tate Publishing, 2009.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MELO NETO, João Cabral. *Melhores poemas*. S/D.

MURAKAMI, Haruki. *Do que eu falo quando eu falo de corrida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

PERNIOLA, Mario. Os Situacionistas: o movimento que profetizou a “Sociedade do Espetáculo”. São Paulo: Annablume, 2009.

PETRARCA, Francesco. *The Ascent to Mount Ventoux*. s/ data.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos (2004). O conceito de lugar. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2004. il., 10 p. Mimeografado. ISBN 332544. Faz parte do seguinte trabalho: REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. O pátio interno escolar como lugar simbólico. Um estudo sobre a interrelação de variáveis subjetivas e objetivas do conforto ambiental. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, FAU-UFRJ, 2006, In <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225> (acessado em 2012).

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Belo Horizonte: Garnier, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SALOMÃO, Wally. *Hélio Oiticica: Qual é o parangolé? e outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SENNET, Richard. *Carne e pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SEVERO, André. *Consciência errante*. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

SOLNIT, Rebecca. *Wanderlust: a history of walking*. Nova York: Viking, 2000.

THOREAU, Henry David. *Caminhando*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

THOREAU, Henry David. *A desobediência civil*. Porto Alegre: L&PMm, 1997.

VIRILIO, Paul. *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WOOD, Paul. *Arte conceitual*. São Paulo: Cosac & Naif Edições, 2002.

Lista de imagens

Partida

Figura 1. TREMONTE, Fábio (2004). 12 dias (monotipia)

Andar a pé

Figura 2. ALÿS, Francis (1996). Narcoturismo (performance). In: Walk ways. HORODNER, Stuart (2002). Nova York, Independent Curators International, P. 28.

Figuras 3, 4 e 5. OITICICA, Hélio (1978). Delirium Ambulatorium (trecho do projeto). In itaucultural.org.br, Programa Hélio Oiticica
<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/ho/home/index.cfm>
(acessado em 2012)

Figuras 6 e 7. TREMONTE, Fábio (2011). Redflag [caminhada] (vídeo).

Figuras 8, 9 e 10. TREMONTE, Fábio (2006). Só (vídeo).

Figuras 11 e 12. TREMONTE, Fábio (2009). Passeio (performance).

Demarcação

Figura 13. OITICICA, Hélio (1979). Devolver a terra à terra (ação). In Brasil experimental: arte/vida, proposições e paradoxos. BRETT, Guy (2005). Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, P. 73

Figuras 14 e 15. ALÿS, Francis (2004). Caminhada da linha verde (intervenção). In When faith moves mountains / Cuando la fe mueve montañas. ALÿS, Francis e MEDINA, Cuauhtémoc (2005). London, Turner, P. 165.

Figura 16. LONG, Richard (1967). Uma linha feita pelo caminhar (intervenção). In Arte Conceitual. WOOD, Paul (2002). São Paulo, Cosac & Naif Edições, P. 47.

Figura 17. TREMONTE, Fábio (2011). Redflag [território] (intervenção).

Figura 18. TREMONTE, Fábio (2011). : m² (intervenção).

Figura 19 e 20. TREMONTE, Fábio (2011). Caminhando: educação pela pedra (pedras e acrílica s/ papel).

Contramão

Figura 21. ALÿS, Francis (2000). Re-enactment (ação). In *The Modern Procession*. ALÿS, Francis (2002). Nova York, Public Art Fund, P. 37.

Figura 22. TREMONTE, Fábio (2012). Errar (intervenção).

Vãos

Figura 23. ALÿS, Francis (1994). Vivienda para todos (intervenção). In *When faith moves mountains / Cuando la fe mueve montañas*. ALÿS, Francis e MEDINA, Cuauhtémoc (2005). London, Turner, P. 157.

Figura 24. BERNARDES, Maria Helena (2003). Vaga em campo de rejeito (intervenção). In *Vaga em campo de rejeito*. BERNARDES, Maria Helena (2003). São Paulo, Escrituras Editora, P. 67.

Figura 25 e 26. SMITHSON, Robert (1967). Passeio pelos monumentos de Passaic (fotografia). In *Robert Smithson: The Collected Writings*. FLAM, Jack (1996). Califórnia, University of California Press, P. 69.

Figura 27. SMITHSON, Robert (1967). Passeio pelos monumentos de Passaic (fotografia). In *Robert Smithson: The Collected Writings*. FLAM, Jack (1996). Califórnia, University of California Press, P. 71.

Figura 28. TREMONTE, Fábio (2011). Redflag [encontro] (projeto).

Figuras 29, 30, 31, 32, 33 e 34. TREMONTE, Fábio (2011). Faixas (fotografia).

Figura 35. TREMONTE, Fábio (2011). Passeio público (projeto).